



CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS
CURSO DE PSICOLOGIA

ANTÔNIA GRAZIANNE FERREIRA DIAS

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL A PARTIR DA TEORIA DO
APEGO E DOS ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS (EIDS)

Fortaleza

2022

ANTÔNIA GRAZIANNE FERREIRA DIAS

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL A PARTIR DA TEORIA DO
APEGO E DOS ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS (EIDS)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao curso de psicologia do Centro
Universitário Christus, como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Braga de
Lucena

Fortaleza

2022

ANTÔNIA GRAZIANNE FERREIRA DIAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Centro Universitário Christus - Unichristus
Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383d

FERREIRA DIAS, ANTONIA GRAZIANNE.
DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: UMA PERSPECTIVA
COGNITIVO-COMPORTAMENTAL A PARTIR DA TEORIA DO
APEGO E DOS ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS
(EIDS) / ANTONIA GRAZIANNE FERREIRA DIAS. - 2022.
-32 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
Universitário Christus - Unichristus, Curso de Psicologia, Fortaleza,
2022.

Orientação: Profa. Dra. Bárbara Braga de Lucena.

1. Dependência Emocional; Estilos de apego; Esquemas Iniciais
Desadaptativos (EIDs). I. Título.

CDD 150

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: UMA PERSPECTIVA COGNITIVO
COMPORTAMENTAL A PARTIR DA TEORIA DO APEGO E DOS ESQUEMA
INICIAIS DESADAPTATIVOS (EIDs).

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao curso de psicologia do Centro
Universitário Christus, como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Braga de
Lucena

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Bárbara Braga de Lucena (Orientadora)
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Prof. Me. Karlinne de Oliveira Souza
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Prof. Me. Wlândia Guimarães Pereira Nogueira
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

RESUMO

A Dependência Emocional (DE) é caracterizada por demandas afetivas insatisfeitas e comportamentos de atenção e cuidado exagerados para com o outro em relacionamentos amorosos. Os estilos de apego e os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) podem influenciar no quadro de DE. O objetivo deste estudo foi identificar a relação entre os estilos de apego e os EIDs na manutenção da DE em relacionamentos amorosos. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa de artigos publicados nas bases de dados reunidas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Latin American and Caribbean Health Science Literature (Lilacs) e PubMed. Foram utilizados dois eixos com os descritores: Dependência Psicológica (“*Psychological Dependence*”), OR “Dependência Emocional” (“*Emotional Dependency*”) AND “Apego” (“*Attachment*”). Dependência Psicológica (“*Psychological Dependence*”), OR “Dependência Emocional” (“*Emotional Dependency*”), AND Esquemas Iniciais Desadaptativos (“*Early Maladaptive Schemas*”) OR “Esquemas” (“*Schemas*”). Inicialmente foram encontrados 356 estudos, após análise e leitura dos resumos, foram incluídos 11 estudos nesta revisão. Os resultados mostraram que o tipo de apego ansioso-ambivalente e o esquema de desconfiança/abuso são característicos do indivíduo com DE, sendo também comum que este apresente crenças centrais de desamor, desamparo e desvalor, além da possível existência de distorção cognitiva da falácia da mudança. O vínculo estabelecido com o cuidador principal durante a infância e adolescência influencia na forma como o indivíduo irá estabelecer relações futuras. Experiências de vínculos instáveis e que não proporcionam proteção, segurança e conforto podem contribuir no desenvolvimento e manutenção da DE.

Palavras-chave: Dependência Emocional; Estilos de apego; Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).

ABSTRACT

Emotional Dependence (ED) is characterized by affective demands dissatisfied and addictive behaviors in romantic relationships. Attachment styles and Early Maladaptive Schemas (EMSs) can influence the ED. The aim of this study was to identify the relationship between attachment styles and EMSs in the maintenance of emotional dependence in romantic relationships. For that an integrative review of articles published in the databases gathered in the Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Latin American and Caribbean Health Science Literature (Lilacs) and PubMed. Two axes were used with the descriptors: Dependência Psicológica (*“Psychological Dependence”*), OR “Dependência Emocional” (*“Emotional Dependency”*) AND “Apego” (*“Attachment”*). Dependência Psicológica (*“Psychological Dependence”*), OR “Dependência Emocional” (*“Emotional Dependency”*), AND Esquemas Iniciais Desadaptativos (*“Early Maladaptive Schemas”*) OR “Esquemas” (*“Schemas”*). Initially, 356 studies were found, after analyzing and reading the abstracts, 11 studies were included in this review. The results showed that the type of anxious-ambivalent attachment and the distrust/abuse schema are characteristic of individuals with DE, and it is also common for them to present core beliefs of lack of love, helplessness and worthlessness, in addition to the possible existence of cognitive distortion of the fallacy of change. The bond established with the primary caregiver during childhood and adolescence influences how the individual will establish future relationships. Experiences of unstable bonds that do not provide protection, security and comfort can contribute to the development and maintenance of DE.

Keywords: Emotional Dependency; Attachment Styles; Early Maladaptive Schemas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estilos de Apego em Adulto.....	12
Figura 2 - Fluxograma.....	16

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorização geral dos artigos.....	18
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DE	Dependência Emocional
EIDs	Esquemas Iniciais Desadaptativos
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
CID-11	Classificação Internacional de Doenças
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
SciELO	Scientific Electronic Library Online
LILACS	Latin American and Caribbean Health Science Literature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MÉTODO	15
3 RESULTADOS	18
4 DISCUSSÃO	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar, através da revisão integrativa da literatura, a relação entre os estilos de apego e os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) na manutenção da Dependência Emocional (DE) em relacionamentos amorosos.

Os relacionamentos amorosos costumam ser fonte tanto de intenso contentamento como de sofrimento. Eles têm grande importância em nossas vidas e são uma das principais causas pelas quais as pessoas buscam psicoterapia (PAIM; CARDOSO, 2019). Nesse contexto, a DE pode ser entendida como uma necessidade constante de afeto do parceiro em um relacionamento amoroso (CASTELLÓ, 2005 apud ALALÚ, 2016). O indivíduo com DE passa a viver em função do relacionamento, tendo este como única motivação e sentido de vida. Dessa maneira, busca suprir demandas afetivas frustradas por meio do parceiro ou parceira, apresentando comportamentos exagerados de atenção e cuidado (MORAL; SIRVENT, 2008). De acordo com Sophia (2008), o dependente dedica em grande proporção tempo e atenção à pessoa à qual está se relacionando, de forma repetitiva. Geralmente negligencia os cuidados consigo mesmo, focando no outro de forma excessiva, deixando de priorizar a si e outras atividades e interesses que antes eram importantes, como trabalho, família e amigos.

A capacidade do adulto em desenvolver relações contínuas e estáveis com outras pessoas depende de um desenvolvimento saudável quando criança, principalmente na primeira infância, quando este cria suas primeiras relações sociais. (SOPHIA, 2008; RAMIRES; SCHINELDER, 2010; BUTION; WECHSLE, 2016). Dessa forma, Bution e Wechsler (2016) apresentam em sua pesquisa que o apego aprendido e desenvolvido durante a infância pode influenciar nos relacionamentos amorosos na vida adulta, interferindo em relações saudáveis ou patológicas. O tipo de comportamento de apego construído na vida adulta está relacionado aos vínculos afetivos do início da infância, à qualidade desses vínculos e à forma que foram desenvolvidos (PAIM; CARDOSO, 2019).

Com isso, a partir da Teoria do Apego, Bowlby (1990) propôs explicar a natureza do vínculo afetivo entre a criança e seu cuidador (a) principal, chamado de figura de apego, a qual a criança tem como fonte de segurança, proteção e conforto. Dessa maneira, principalmente no primeiro ano de vida, a criança desenvolve um Modelo Funcional Interno, o qual a permite perceber o mundo e a si própria, que se transformaria em característica de personalidade fixa (Tipo de Apego). A disponibilidade emocional dos pais, em especial da mãe ou da figura que cuida, em função de suprir as necessidades emocionais da criança em situações de estresse e separação é a base, o meio, por onde a criança aprende a perceber e a se relacionar com o

mundo. Nesse contexto, entende-se que existem diferentes tipos de apego que são construídos e desenvolvidos por meio das relações e experiências que criam padrões internos e servem de modelo para as relações e comportamentos futuros. Alguns pesquisadores relatam em suas pesquisas que Ainsworth et al. (2015) classificou como estilos de apego o comportamento das crianças em relação às mães, sendo esses estilos de apego padrões de comportamentos decorrentes dos Modelos Internos de Funcionamentos. Assim, a coautora descreveu três estilos de apego na infância: seguro, inseguro resistente/ambivalente e inseguro/evitativo, que serão explicados a seguir. (MARVIN; BRITNER, 2008; RAMIRES; SCHINELDER, 2010; DALBEM; DELL'AGLIO, 2005; MENDES, 2021).

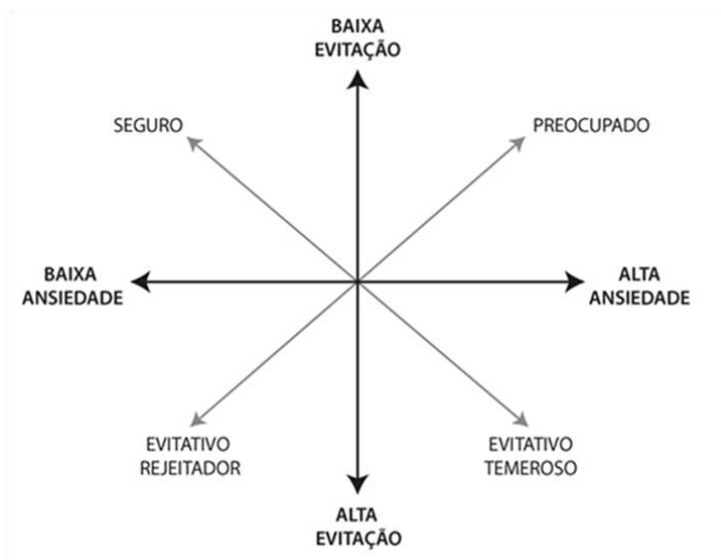
Apego Seguro: Tem a figura de apego como base segura a partir da qual explora o ambiente. Tem comportamento de protesto na ausência da figura de apego, e quando esta retorna a criança é emocionalmente regulada, ao retomar o contato com a figura de apego.

Apego inseguro resistente/ambivalente: A criança não explora o ambiente de forma adequada, na ausência da figura de apego apresenta comportamento excessivo de protesto e manifesta dificuldades de ser regulada emocionalmente na presença da figura de apego.

Apego Inseguro/Evitativo: A criança não tem a figura de apego como base segura e explora o ambiente de forma tranquila, sem precisar de contato com esta. Na ausência da base segura não apresenta comportamento de protesto e não busca contato após o retorno desta ao ambiente.

Bartholomew e Horowitz (1991) sugeriram uma classificação para os estilos de apego adulto composta por quatro tipos: seguro, preocupado, evitativo temeroso, evitativo rejeitador. Esses estilos de apegos foram obtidos através da análise de duas dimensões, ansiedade e evitação. A baixa ansiedade tem relação com o senso de valor pessoal elevado, ou seja, modelo de si mesmo, do que é construído internamente, sua capacidade de resolver situações conflitantes. Indivíduos com alta ansiedade têm valor pessoal reduzido diante de situações desafiantes, sentindo não ser capazes de resolvê-las. Já com relação à evitação, indivíduos com baixa evitação tendem a buscar terceiros, pois os têm como confiáveis, e com isso buscam ajuda. Indivíduos com alta evitação tendem a não buscar ajuda por temerem a rejeição.

Figura 1: Estilos de Apego em Adulto



Fonte: Bartholomew e Horowitz (1991).

Ainda nesse contexto, de acordo com Paim e Cardoso (2019), indivíduos com DE apresentam comportamentos, que geralmente, podem ser desadaptativos e acompanhados de pensamentos disfuncionais, o que pode reforçar essa problemática. Relacionamentos disfuncionais ativam crenças disfuncionais, contribuindo assim para o desenvolvimento de EIDs.

Para Aaron Beck (1976), fundador da Terapia Cognitiva Comportamental, esquema é uma estrutura que comporta crenças que servem como filtro a partir do qual as informações são processadas, influenciando as emoções e os comportamentos dos indivíduos.

Young, aluno de Beck, desenvolveu a terapia do esquema, que é considerada uma terapia cognitiva de terceira geração. Trata-se de uma abordagem sistemática que integra técnicas derivadas de diferentes escolas psicoterápicas, combinando elementos da terapia cognitivo comportamental, da Gestalt, da teoria das relações objetais, construtivista e psicanalítica, principalmente no que concerne à Teoria do Apego (YOUNG et al., 2008).

Young desenvolveu o conceito de EIDs, que são padrões emocionais e cognitivos responsáveis por processos de funcionamento da personalidade, e definidos como crenças e sentimentos que o indivíduo tem como verdades a respeito de si e do mundo, além do mais, são estruturas interpretativas estáveis, duradouras e rígidas que podem gerar sofrimento e comportamentos disfuncionais de forma significativa (YOUNG et al., 2008). Ainda de acordo com Young, os EIDs têm origem a partir das necessidades emocionais básicas não atendidas na infância e adolescência, relacionadas a eventos traumáticos e/ou a situações repetitivas que

estejam relacionadas a demandas que necessitavam serem supridas pelos pais ou cuidadores. Sendo assim, os comportamentos desadaptativos desenvolvem-se como respostas a um esquema (YOUNG et al., 2008; PAIM et al., 2012).

Segundo o modelo teórico de Young, os EIDs estão relacionados ao autoconceito e se constituem por meio de cinco necessidades básicas: (1) Vínculo seguro (segurança, aceitação e cuidado), (2) Autonomia e competência, (3) Liberdade de expressão, necessidades e emoções válidas, (4) Espontaneidade e lazer e (5) Limites realistas e autocontrole. Dessa forma, de acordo com o autor, foram identificados 18 EIDs que são agrupados em cinco domínios de esquemas, correspondendo às cinco necessidades emocionais desenvolvimentais da criança (YOUNG et al., 2008). São eles:

Domínio I – Desconexão e Rejeição: privação emocional, abandono, desconfiança/abuso, isolamento/alienação e defectividade/vergonha.

Domínio II – Autonomia e Desempenho Prejudicados: fracasso, dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano e doença e emaranhamento.

Domínio III – Limites prejudicados: grandiosidade/arrogo e autocontrole/autodisciplina insuficientes.

Domínio IV – Direcionamento para o outro: subjugação, autossacrifício e a busca de aprovação/busca de reconhecimento.

Domínio V – Supervigilância e Inibição: inibição emocional; padrões inflexíveis; negativismo/pessimismo e uma postura punitiva.

Jeffrey Young (2008) propõe que para cada necessidade emocional não atendida, há um conjunto de crenças e respostas compensatórias, que podem ser compreendidas, de forma conceitual e teórica, a partir dos domínios esquemáticos e seus respectivos EIDs. Com isso os EIDs são ativados frente a determinadas situações de conflito, e nesse contexto levando em consideração os relacionamentos amorosos e seus aspectos, estes podem ser ativadores de EIDs. Portanto, compreende-se a existência de uma interação esquemática nos relacionamentos, podendo servir como um padrão repetitivo e destrutivo, contribuindo para um relacionamento conturbado (PAIM; CARDOSO, 2019; BORGES; DELL'AGLIO, 2020; SQUEFIE; ANDRETTA, 2016).

Barbosa et al. (2019) enfatizam que existe uma relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento psicológico do indivíduo, o que inclui o modo de se relacionar com parceiros íntimos na vida adulta. Dessa maneira, crianças que vivenciam experiências satisfatórias de apego em relação aos seus cuidadores têm maior propensão a se desenvolverem de forma

saudável ao longo da vida, tendo o apego seguro como fator de proteção que pode contribuir para a não formação de EIDs.

Apesar de ser um construto teórico bastante pesquisado recentemente, a DE não está classificada como um diagnóstico no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) ou CID-11 Classificação Internacional de Doenças. Apesar disso, de acordo com estes manuais, a DE pode ser sintoma de outras condições psiquiátricas, tais como transtorno de personalidade borderline e transtorno de personalidade dependente.

O excesso de atenção e cuidados com o parceiro, de maneira repetitiva, impulsiva e sem controle em um relacionamento amoroso pode fazer com que o parceiro se afaste aos poucos, pelo fato de se tornar um relacionamento prejudicial e isso pode aumentar cada vez mais o nível de angústia de quem tem DE (SOPHIA et al., 2007).

Alguns estudos relatam que o tema da DE e suas implicações nas relações interpessoais, ainda parece ser pouco estudado e explorado, possibilitando que muitas pesquisas ainda sejam realizadas (BUTION; WECHSLER, 2016).

Além de ser um tema ainda pouco explorado, a DE em relacionamentos amorosos pode ser uma condição que gera sofrimento e apresenta demandas significativas nos relacionamentos. Com isso, a partir da pergunta de pesquisa “Quais são os tipos de apego e esquemas iniciais desadaptativos que podem ser identificados em pessoas com dependência emocional nos relacionamentos amorosos?” O presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura a fim de identificar a relação entre os estilos de apego e os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) na manutenção da Dependência Emocional (DE) em relacionamentos amorosos, bem como identificar o estilo de apego e os EIDs mais comum em pessoas com DE e os possíveis desdobramentos afetivos nos relacionamentos amorosos. Espera-se com isso agregar evidências para o tema estudado nesta pesquisa.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, que, de acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010), é uma abordagem metodológica que tem por finalidade reunir, analisar e sintetizar resultados de pesquisas sobre determinado tema ou fenômeno de forma sistemática e que favorece o aprofundamento do conhecimento do tema investigado. Possibilita a inserção de estudos experimentais e não-experimentais e dados da literatura teórica e empírica. Dessa forma inclui a análise de estudos significativos, possibilita o conhecimento de um determinado assunto e contribui na identificação de possíveis temas que precisam ser aprofundados com a realização de novos estudos.

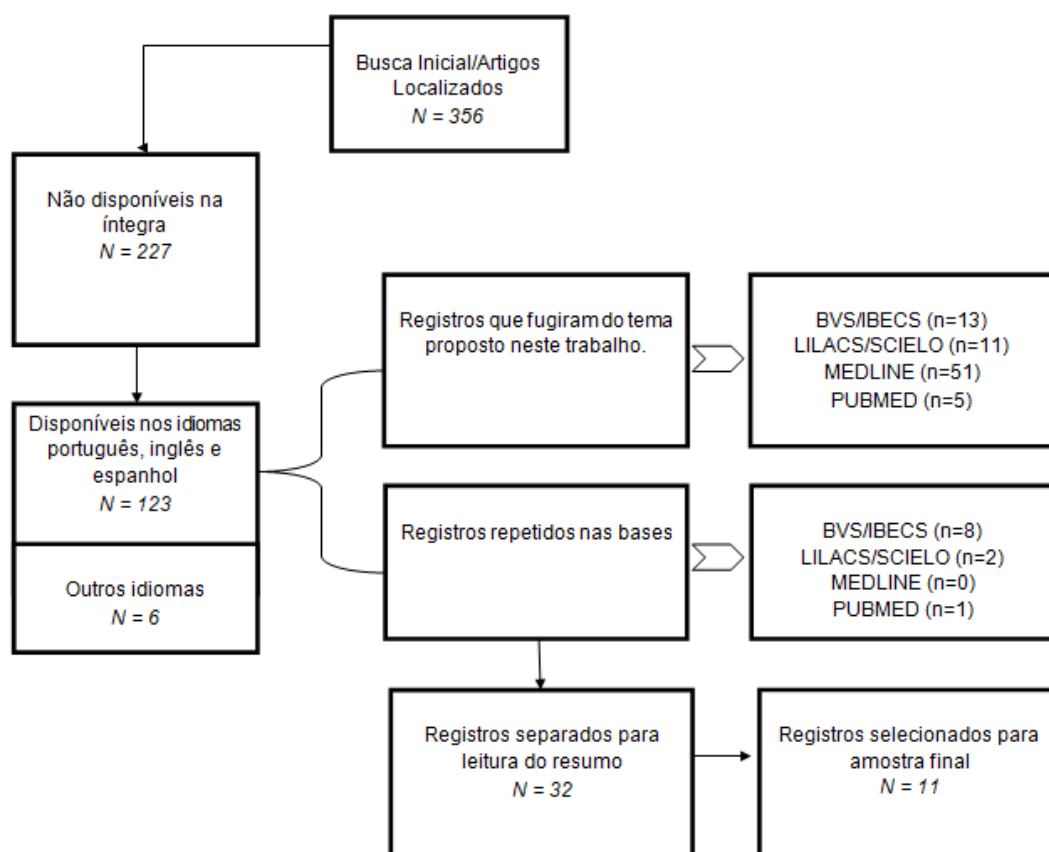
Para elaborar uma revisão integrativa é necessário, no primeiro momento, realizar a identificação do tema e elaboração da hipótese ou pergunta de pesquisa, em que inicialmente deve-se elaborar uma hipótese ou questão de pesquisa, assim como definir um problema que apresente relevância. Em seguida, deve-se realizar busca ou amostragem na literatura, de forma que, após a escolha do tema e a formulação da questão de pesquisa, se inicia a busca nas bases de dados para identificação dos estudos. A busca em base de dados deve ser ampla, incluindo a procura em bases eletrônicas e busca manual em periódicos. Também deve ser definido os critérios de inclusão e exclusão para seleção dos estudos. No terceiro momento realiza-se a coleta de dados, em que nessa fase é retirado os dados dos artigos selecionados através de um instrumento que garanta a totalidade e integridade dos dados coletados. Em seguida deve ser elaborada a análise crítica dos estudos incluídos através de uma organização das evidências, de acordo com o planejamento da pesquisa. No quinto momento ou fase, deve-se apresentar, comentar e interpretar os dados coletados na pesquisa, a fim de realizar a discussão dos resultados e por fim de realizar-se apresentação da revisão integrativa, com as informações constatadas de forma clara, completa e detalhada, possibilitando ao leitor analisar os resultados de forma analítica (SOUZA et al., 2010).

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura através da busca de artigos científicos, nas bases de dados reunidas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Latin American and Caribbean Health Science Literature (Lilacs) e PubMed, em novembro de 2022. Foram utilizados nesta revisão integrativa dois eixos com os seguintes descritores: Dependência Psicológica (*“Psychological Dependence”*), OR “Dependência Emocional” (*“Emotional Dependency”*) AND “Apego” (*“Attachment”*). Dependência Psicológica (*“Psychological Dependence”*), OR “Dependência Emocional” (*“Emotional Dependency”*), AND Esquemas Iniciais Desadaptativos (*“Early Maladaptive Schemas”*) OR “Esquemas” (*“Schemas”*).

Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) apresentar estudos empíricos e teóricos, (b) estar publicado nos idiomas português, inglês e/ou espanhol, (c) estar disponível na íntegra na base de dados na modalidade de artigo científico e/ou tese e dissertação, estudos quantitativos ou teóricos, em que os principais objetivos se referiam à investigação da dependência emocional e sua relação com os estilos de apego e os EIDs. Foram excluídos os estudos relacionados à dependência de substâncias químicas, tecnologias e dependências mediadas, como a codependência e a bidependência. Também não foram considerados os artigos repetidos nas bases de dados e os artigos não disponíveis na íntegra.

A partir dos critérios de inclusão e exclusão, foram encontrados no primeiro momento, o total de 356 estudos. Em seguida, foram selecionados os trabalhos que se apresentavam completos, e nos idiomas inglês, espanhol e português, totalizando 123 publicações. No segundo momento foram retirados os estudos que não se referiam a DE em relações amorosas, estilos de apego e/ou EIDs, e estudos repetidos, restando 32 artigos. Em seguida foi realizada a leitura dos resumos de cada artigo. Nessa fase foram excluídos os estudos que fugiram do tema proposto neste trabalho, sendo selecionados 11 estudos para a amostra final da pesquisa.

Figura 2: Fluxograma



Fonte: Elaboração Própria.

Os dados coletados foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (2011). De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo está relacionada a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens. Dessa forma, a pesquisa foi focada na modalidade de análise temática, em que se busca descobrir os núcleos de sentido significantes presentes numa comunicação, por meio de diferentes etapas, sendo elas: Pré-análise, que é a fase de organização, exploração do material que é a codificação e categorização e por fim o tratamento dos resultados, inferência e interpretação que são as informações fornecidas pela análise. A elaboração das categorias foi realizada pelo modelo aberto, com isso, as etapas foram definidas após a coleta de dados, levando em consideração a relevância dos conteúdos apresentados.

3 RESULTADOS

Tabela 1: Categorização Geral dos Artigos

Título	Autor/Ano/Idioma	Objetivo	Método	Resultados
Teorias implícitas sobre o amor e fatores associados. Um estudo com pacientes com dependência afetiva patológica e população geral na Cidade Autônoma de Buenos Aires.	Ramos Mejía, Gabriela (2016). Espanhol.	Estabelecer as Teorias implícitas sobre amor romântico, estilos de apego e inteligência emocional, em pessoas com dependência afetiva patológica (DAP).	Estudo descritivo correlacional, transversal não experimental. 157 participantes da população geral que não estavam em tratamento psicológico ou psiquiátrico. Participantes: 28,7% homens (n = 45) e 71,3% mulheres (n = 112). Média de idade de 29,23 (DP = 6,45, Min = 18, Max = 68). Instrumentos: Escala de atitudes perante o amor (Hendrick e Hendrick, 1986); Escala TMMS-48 (Fernández Berrocal, Ramos, e Extremera, 2001); Tipos de apego romântico (Casullo e Fernández Liporace, 2002); Questionário de dependência emocional (CDE; Lemos Hoyos e Lodoño).	O estilo de apego ansioso foi relacionado positivamente com as dimensões da dependência emocional "Ansiedade de separação", "Expressão afetiva do parceiro", "Medo da solidão" e com dependência emocional total. Associação negativa entre o estilo de apego ansioso e clareza da inteligência emocional. Os resultados mostraram uma predominância nos pacientes com DAP de um estilo de amor mania, um estilo de apego parental ansioso e uma falha na regulação emocional.
Dependência Emocional: Uma revisão sistemática da literatura.	Bution e Wechsler. (2016). Português.	Realizar uma avaliação sistemática da literatura acerca do tema, revisando artigos anexados nas bases de dados Scielo, Portal de Periódico CAPES e Google Acadêmico, publicados entre 2000 e 2014.	Revisão sistemática da literatura.	Algumas pesquisas mostraram correlação positiva entre o apego ansioso/ambivalente e a dependência emocional e indivíduos não diagnosticados com dependência emocional (apego seguro). Com relação ao perfil cognitivo: Crenças centrais de dependência e paranoia, distorção cognitiva de falácia da mudança e um déficit na estratégia de enfrentamento/autonomia. Esquema predominante de desconfiança/abuso e distorções cognitivas de falácia de controle e as "deverias".

Potenciais alvos terapêuticos em pessoas com Dependência Emocional.	Lemos e Román-Calderón. (2019). Espanhol.	Examinar a relação entre os componentes da dependência emocional com sintomatologia ansiosa, depressiva e impulsiva.	Estudo quantitativo, transversal, descritivo e correlacional. Participantes: 98 estudantes universitários (68% mulheres, idade M = 20,2 anos, ED = 2,19). Instrumentos: Questionário de Dependência Emocional EDQ (Lemos e Londoño, 2006); Inventário de Depressão de Beck, segunda edição, versão em espanhol-BDI-II (Beck, Steer, e Brown, 2011); Inventário de Ansiedade de Beck- BAI, versão em espanhol (Beck e Steer, 2011); Barrat Impulsivity Scale – BIS (Patton, Stanford, e Barratt, 1995), versão curta –BIS-15S (Spinella, 2007).	Os resultados mostram que o medo de ficar sozinho está associado à ansiedade de separação, que leva à modificação de planos, à necessidade de expressão emocional e ao comportamento de busca de atenção. A modificação do plano está associada à depressão; expressão emocional com ansiedade e a impulsividade como traço está associada ao comportamento de busca de atenção.
Prevalência do amor obsessivo e sua associação com o apego.	Ahmadi Vahid et al., (2013). Inglês.	Examinar a prevalência do amor emocional imaturo ou obsessivo e sua relação entre os estilos de apego de estudantes universitários.	Estudo quantitativo, transversal, correlacional. Participantes: 290 estudantes (117 do sexo feminino e 173 do sexo masculino) da Shahid Chamran University of Ahwaz que foram selecionados com o método de amostragem por conveniência. Instrumentos-Escala de Amor Apaixonado (PLS) (Hatfield e Sprecher, 1986); Inventário de Apego Adulto (Simpeson, 1990).	Os resultados mostraram que a prevalência de amor obsessivo na população foi cerca de 17,9%. O resultado da correlação de Pearson mostrou que a relação entre amor obsessivo e o estilo de apego ansioso é positiva e significativa. Também o resultado da regressão múltipla mostrou que apenas o estilo de apego ansioso/ambivalente pode prever o amor obsessivo.
Dependência emocional e estilo de apego adulto em relacionamentos de namoro em jovens espanhóis.	Valle Laura et al., (2018). Espanhol.	Analisar a relação entre dependência emocional e os diferentes tipos de apego adulto, bem como a sua prevalência e perfis com base no sexo, idade e a história dos casais.	Estudo quantitativo, estatístico, descritivo, correlacional. Participantes: 382 participantes, sendo 210 mulheres e 172 homens, com idade entre 18 e 35 anos. Instrumentos: Inventário de Relações Interpessoais e Dependências Emocionais-(IRIDS-100; Sirvent e Moral, 2005); Adult Attachment Questionnaire (Melero e	Os resultados mostraram que 23,3% dos participantes apresentaram sinais de dependência emocional. O estilo de apego seguro está associado à ausência de DE e o estilo ansioso-ambivalente, com os níveis mais elevados. Apego seguro (N = 197) apresenta uma pontuação baixa (34) nas escalas 1

			Cantero, 2008), baseado no Relationship Questionnaire (CR, Bartholomew e Horowitz, 1991).	(Baixa autoestima, necessidade de aprovação e medo de rejeição) e 2 (24; Resolução de Conflitos, ressentimento e possessividade). Na escala 3 (Expressão sentimentos e conforto nos relacionamentos) sua pontuação é moderada (34) e na escala 4 (Autossuficiência emocional e desconforto com intimidade) é moderadamente baixa (20). Apego inseguro (N = 185) tem uma pontuação alta nas duas primeiras escalas (50 e 34 respectivamente), uma pontuação moderada na terceira escala (34, assim como o primeiro conjunto) e uma pontuação moderadamente alta (23) na escala 4.
Estilos de apego parental e dependência emocional em relacionamentos amorosos em uma amostra de estudantes universitários na Colômbia.	Rocha Narváez, Brenda Liz et al. (2019). Espanhol.	Identificar a relação entre os estilos de apego parental e a dependência emocional nas relações amorosas de um grupo de universitários da Colômbia.	Quantitativo, descritivo, correlacional. Participantes: 500 estudantes universitários pertencentes a 15 cidades da Colômbia, dos quais 34,2% eram homens e 65,8% mulheres entre 18 e 25 anos. Instrumentos: Questionário sociodemográfico; Questionário de Dependência Emocional (CDE Lemos Hoyos e Londono Arredondo, 2006); Inventário com pais e pares modificado (IPPA-M, Pardo, Pineda, Carrillo, e Castro, 2006).	Correlação positiva entre os estilos de vinculação parental e a dependência emocional nas relações amorosas dos jovens que compõem a amostra. Uma correlação positiva entre o nível socioeconômico e a variável sexo nas manifestações de dependência emocional na relação amorosa. Em todas as dimensões da dependência emocional houve diferenças em relação aos perfis de apego seguro. Em algumas dimensões, são observados valores significativos em relação ao apego inseguro ansioso; o apego inseguro evitativo foi encontrado em valores intermediários, e o

				apego seguro sempre apresentou valores baixos nas diferentes dimensões da dependência emocional.
São as competências emocionais mediadoras entre o apego e a satisfação com a relação conjugal na juventude?	Mónaco, et al. (2022). Espanhol.	Estudar a relação entre apego e satisfação com o relacionamento conjugal.	Estudo estatístico descritivo, correlação. Participantes: 265 jovens espanhóis (59,2% mulheres) entre 18 e 36 anos com companheiro. Instrumentos: Escala de experiências em relacionamentos íntimos (Experience in Close Relationship Scale, ECR-S; Brennan et al., 1998); Questionário de Habilidades e Competências Emocionais” (ESCQ-21; Takšić et al., 2009); Relationship Assessment Scale” (Relationship Assessment Scale, RAS; Hendrick et al., 1998).	Ambas as dimensões do apego inseguro (ansiedade de vínculo e evitação da intimidade) se correlacionaram negativamente com a satisfação no relacionamento. A ansiedade correlacionou-se negativamente com as competências emocionais avaliadas: regulação emocional e gerenciamento das emoções. A esQUIVA correlacionou-se negativamente com as duas competências emocionais mencionadas acima, e com a percepção e compreensão emocional. O evitante correlacionou-se negativamente com a dificuldade em expressar e identificar emoções.
Distorções Cognitivas em pessoas com Dependência Emocional.	Lemo Hoyos, et al. (2007). Espanhol.	Estabelecer as distorções cognitivas que melhor discriminam pessoas com dependência emocional.	Estudo transversal analítico. Participantes: 116 participantes, 59 mulheres (50,9%) e 57 homens (49,1%), com média de idade de 30,84 anos (DP = 9,150; faixa 18 - 55), pertencente à área metropolitana da cidade de Medellín - Colômbia. Instrumentos: Questionário de Dependência Emocional CDE (Lemos e Londoño, 2006); Inventário de Pensamentos Automáticos IPA (Ruiz e Lujan, 1991).	Das 15 distorções cognitivas avaliadas, 12 apresentaram diferenças significativas entre os dois grupos de comparação, com maior pontuação média em pessoas com dependência emocional: Abstração, pensamento dicotômico, generalização excessiva, Inferência Arbitrária, Catastrofização, Falácia de controle, Falácia de justiça, Raciocínio emocional, Falácia da mudança, Deveria, Falácia de razão e Falácia da recompensa divina.
Perfil cognitivo de dependência emocional em estudantes universitários	Lemos Hoyos, et al. (2012).	Identificar o perfil cognitivo dos estudantes universitários com dependência	Estudo quantitativo e análise estatística. Participantes: 569 universitários (32,16% homens e 67,84%	Os resultados renderam um modelo que explica 89,3% de variabilidade, com alta

em Medellín, Colômbia.	Espanhol.	emocional.	mulheres, com média de idade de 19,9. Instrumentos: Questionário de Dependência Emocional (Lemos e Londoño, 2006); Questionário de Esquemas Desadaptativos Early-Segunda Edição [YSQ-L2], 1990); Inventário de pensamento automático (IPA); Questionário de Estratégias de Enfrentamento Modificado; Questionário de Crenças Essenciais para Transtornos da Personalidade (CCE-TP).	capacidade preditiva (sensibilidade 91,4%, especificidade 97,7%), composta pelo esquema de desconfiança/abuso, distorção cognitiva de falácia da mudança e estratégia de enfrentamento hipodesenvolvida de autonomia.
Relação entre esquemas desadaptativos e dependência emocional em mulheres em situação de violência dos parceiros.	Patsi Humerez e Silvia Requena Gonzales. (2020). Espanhol.	Analisar a relação entre Esquemas Desadaptativos e Dependência Emocional em mulheres vítimas de violência do parceiro.	Quantitativo, descritivo, correlacional. Participantes: 40 mulheres voluntárias em idade legal que apresentam a característica de serem vítimas de violência por parceiro íntimo. Instrumentos: Questionário de Esquemas de Young (1995); Questionário de Dependência Emocional de Lemos e Londoño (2006).	Os resultados obtidos mostraram uma correlação positiva entre as duas variáveis de acordo com o C. Pearson: ,582 com nível de significância de 0,01 resultados que refletem que os esquemas desadaptativos estão associados a dependência emocional. Tanto nos esquemas desadaptativos e dependência emocional nos sujeitos do estudo verifica-se que os pensamentos, sentimentos e comportamentos estão fortemente relacionados com os esquemas que surgiu em sua infância e duraram até a vida adulta, que são caracterizadas pela subordinação, submissão, sacrifício.
Estilos de enfrentamento, esquemas disfuncionais e sintomas psicopatológicos relacionados a dependência emocional do parceiro agressor.	Momeñe et al., (2021). Espanhol.	Avaliar se os estilos de coping, os esquemas disfuncionais e sintomas psicopatológicos atuam como mediadores na relação entre dependência emocional e violência.	Quantitativo e análise estatística. A amostra consistia em 657 mulheres da população clínica e geral, com idades entre 18 e 66 anos. Instrumentos: Escala revisada de táticas para resolução de conflitos (Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman, 1996); Questionário de	As análises de correlação destacaram a relação positiva entre a dependência emocional e a violência recebida com estilos de enfrentamento inadequados, predominando aqueles focados na emoção, como isolamento social e autocrítica. Esquema de abandono e subjugação. Também mostraram

			dependência emocional (Lemos e Londoño, 2006); Inventário de estratégias de enfrentamento, (Tobin, Holroyd, Reynolds e Wigal, 1989); Questionários de esquemas-forma (breve Young y Brown, 1994); Questionário de avaliação de sintomas-45, SA-45 (Davison et al., 1997).	relações positivas com os sintomas psicopatológicos, destacando-se depressão, sensibilidade interpessoal, ansiedade, obsessão-compulsão e ideação paranóide.
--	--	--	---	--

Fonte: Dados da pesquisa.

4 DISCUSSÃO

Por meio de uma revisão de literatura, o presente estudo se propôs a identificar a relação entre os estilos de apego e os EIDs na manutenção da DE em relacionamentos amorosos, bem como responder à pergunta norteadora: “quais os tipos de apego e esquemas iniciais desadaptativos que podem ser identificados em pessoas com DE nos relacionamentos amorosos”?.

Entre os artigos selecionados, três (3) relataram a respeito da DE e seus desdobramentos nas relações amorosas. Quatro (4) dos estudos selecionados discorreram dos estilos de apego e sua relação com a DE e quatro (4) artigos tratava-se dos EIDs, distorções cognitivas, esquemas disfuncionais e sua relação com a DE, sendo que dois desses estudos relataram sobre DE e EIDs em relacionamento abusivo e violência de parceiro íntimo.

Valle et al. (2018) e Lemos et al. (2019), apresentaram a DE como um padrão crônico de demandas afetivas insatisfeitas, que levam o indivíduo a buscar de forma exagerada a satisfazê-las por meio de relacionamentos interpessoais próximos, principalmente relacionamentos amorosos. Assim, a DE é composta por aspectos cognitivos, emocionais, motivacionais e comportamentais voltados para o outro que se tem como fonte de satisfação e segurança pessoal. Adicionalmente, a DE tem uma relação direta com o estilo de apego inseguro ansioso/ambivalente e com crenças disfuncionais que contribuem para o seu desenvolvimento e manutenção.

Valle e Moral (2018), relacionam a DE com a imaturidade afetiva assim como com a relação estabelecida com o cuidador principal na infância. Com isso relaciona-se a ansiedade de separação, característica presente na DE e à sua semelhança com o apego inseguro no que diz respeito ao medo de perder a figura vinculada, a busca pela proximidade e o comportamento de protesto na separação. Dessa forma, a partir da Teoria do Apego, às relações afetivas estão relacionadas ao grau de segurança com que o indivíduo explora e se adapta ao seu meio, em que esta segurança está vinculada às relações significativas que se desenvolvem ao longo do ciclo de vida em um ambiente de segurança, proteção e conforto. As interações com a primeira figura de apego determinam o estilo de apego adulto, assim como o comportamento do indivíduo nas relações futuras. Nesse contexto, vale ressaltar a importância do estabelecimento de um estilo de apego seguro na infância, que proporcionará o desenvolvimento de relações saudáveis ao longo da vida.

Valle e Moral (2018), relatam existir uma correlação positiva entre o estilo de apego inseguro com a existência e intensidade da DE. Relatam que a pessoa com DE estabelece laços afetivos inseguros que corroboram com relacionamentos instáveis. Assim, um terço dos

participantes deste estudo apresentou DE e vínculos afetivos inseguros juntos, enquanto a maioria dos participantes que não apresentavam DE apresentaram vínculo seguro.

A relação parental e familiar tem grande influência na questão social, aspecto afetivo e estado emocional dos indivíduos. Assim, o apego aprendido durante a infância persistirá até a fase adulta, sendo a relação com os pais ou cuidadores a base para intimidade com os outros e como essas relações serão estabelecidas. Dessa forma, Narváez et al. (2019), destacam que 27% dos participantes de sua pesquisa pontuaram para um apego evitativo e 26,40% para um apego ansioso/ambivalente. As mulheres tiveram um destaque com percentuais elevados em ambos (62,12% ambivalentes e 78,52% evitantes). Com relação a manifestações da dependência emocional nos relacionamentos amorosos e sua relação com o sexo e nível socioeconômico do grupo estudado, os achados mostraram que nos níveis socioeconômico baixo, médio e alto, os homens apresentam maior tendência na dimensão procura de cuidados, em relação às mulheres dos mesmos níveis. Neste mesmo estudo, verificou-se que a relação parental instável na infância estava positivamente relacionada ao apego ansioso/ambivalente, o que aumentava a necessidade de receber constantemente sinais de afeto e cuidado do parceiro. O fato da DE ter um aspecto em que a pessoa precisa se sentir amada e valorizada, faz relação direta com o estilo de apego ansioso ou ambivalente, sendo apresentado com um padrão significativo de pessoas que apresentam DE, além de apresentar também ansiedade de separação e medo da solidão. Com base nos achados, a DE está diretamente relacionada com o apego inseguro em relação à parceria em um relacionamento, podendo limitar a capacidade de regular as emoções, bem como a capacidade de estabelecer vínculos estáveis e relações saudáveis.

Mónaco et al. (2022), relatam que as dimensões do apego inseguro (ansiedade do apego e evitação da intimidade) foram significativa e negativamente correlacionadas com a satisfação no relacionamento. A ansiedade foi negativamente correlacionada com duas das competências emocionais avaliadas: expressão e identificação de emoções, gestão e regulação emocional. A evitação foi negativamente correlacionada com a dificuldade de expressar e identificar emoções. Os autores destacam que indivíduos com apego ansioso podem perceber as próprias emoções e as dos outros, porém têm dificuldades em expressar e regular as emoções, o que pode estar relacionado ao medo de serem rejeitados, devido ao receio de apresentarem comportamentos que considerem inadequados. Entretanto, indivíduos com apego seguro conseguem perceber e compreender as emoções, regulá-las e expressá-las. Considera-se então os estilos de apegos de ambos os parceiros como um fator que influencia de forma positiva ou negativa na satisfação referente ao relacionamento amoroso.

Crianças que tiveram cuidador desatento, intercorrente e não responsivo desenvolveram, com maior frequência, um estilo de apego evitativo. Podem tornar-se indiferentes ao cuidador em um mecanismo para defender a si própria, tornando-se adultos independentes e autossuficientes, comumente evitando estabelecer relações íntimas com os outros. Pessoas com o estilo de apego ansioso tendem a se preocupar com seus relacionamentos e temem a separação e rejeição do parceiro, são extremamente dependentes nos relacionamentos o que pode levar ao desenvolvimento da DE (AHMADI et al., 2013).

Para Lemos et al. (2007), as distorções cognitivas são formas errôneas de interpretação das situações, e estão diretamente relacionadas ao processamento de crenças centrais de si mesmo e dos outros. Em suma, o processo cognitivo opera por meio de esquemas relacionados aos interesses e necessidades do indivíduo. Desta maneira, o reconhecimento de distorções cognitivas pode favorecer a compreensão da manutenção dos esquemas de dependência emocional e como são estabelecidos os processos cognitivos relacionados a um padrão disfuncional nos relacionamentos.

Lemos et al. (2007) e Lemos et al. (2012), relataram que no que se refere ao perfil cognitivo de pessoas com DE, os resultados mostraram que elas interpretam os eventos de forma a atender suas necessidades emocionais insatisfeitas. Com isso, o perfil cognitivo do indivíduo com DE é caracterizado por um EID de desconfiança/abuso, que está relacionado a ideia de desamparo e às experiências na infância que contribuem para disfunções nos esquemas. Relataram a existência de distorção cognitiva da falácia da mudança, que leva o indivíduo acreditar que o seu bem-estar depende exclusivamente da atitude dos outros. Também foram encontradas diferenças significativas no processamento da informação em pessoas com DE, com maior número de distorções cognitivas. De 15 distorções cognitivas avaliadas, 12 apresentaram diferenças significativas entre os dois grupos de comparação, com escores médios mais elevados em pessoas com DE: Filtragem, Pensamento polarizado, Supergeneralização, Interpretação do pensamento, Visão catastrófica, Falácia do controle, Falácia da justiça, Raciocínio emocional, Falácia da Mudança, Você Deveria, Falácia da Razão e Falácia da Recompensa Divina. Dessas distorções cognitivas que reforçam os esquemas de DE, duas apresentaram maior poder discriminatório: o dever e a falácia. Tal distorção cognitiva está diretamente relacionada ao processamento de informações com padrões rígidos e inflexíveis de situações. Dessa forma, o indivíduo pode impor regras de como deve ser o relacionamento, afetando assim a qualidade da relação, podendo haver regras rígidas relacionadas à exclusividade ou controle e exigência de atenção constante. Leva-se em consideração que nesse

contexto, conforme postula a teoria cognitivista, o indivíduo não tem seus sentimentos determinados pelas situações de fato, mas pela forma como interpreta essas situações.

Outro tema encontrado nos artigos está relacionado a DE como fator de risco para o envolvimento em relacionamentos abusivos. Humerez e Gonzales (2020) verificaram em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo a manifestação de características relacionadas a sentimentos de inferioridade e medo de romper a relação. Elas procuraram se sentir amadas pelo parceiro, mostrando submissão e idealização desproporcional para com o outro. Além de apresentarem distorções cognitivas significativas de crenças profundas de obedecer a regras rígidas para evitar críticas de seu parceiro, concentrando toda sua atenção nele e na relação. O medo de ficar sozinha está associado à ansiedade de separação, que leva à modificação de planos, à necessidade de expressão emocional e ao comportamento de busca de atenção. A modificação do plano está associada à depressão, expressão emocional com ansiedade, e a impulsividade como traço está associada ao comportamento de busca de atenção (LEMOS et al., 2019).

Levando em consideração os estudos encontrados na presente pesquisa, é importante ressaltar que alguns instrumentos podem não ter sido selecionados, tendo essa questão como uma limitação, que está relacionada ao fato de que os artigos elegidos partiram de critérios pré-estabelecidos, como escolha das fontes de dados e descritores para a busca, assim como a não contemplação de livros. Outra limitação esteve relacionada às múltiplas nomenclaturas utilizadas com relação ao termo DE, o que pode ter dificultado os achados e sua sintetização, além da escassez de diversidade das pesquisas, principalmente em amostra de população no Brasil.

Tendo em vista a importância dos relacionamentos interpessoais e da satisfação das necessidades emocionais, uma relação amorosa, quando não é estabelecida de forma madura e saudável, pode tornar-se um dos motivos que gera sofrimento intenso, sobretudo quando há o rompimento dessa relação. Principalmente quando decorre de comportamentos específicos como: exigências, expectativas exageradas, idealização da relação e do parceiro, ciúme patológico, medo da rejeição e de perda da pessoa amada, preocupação, cuidado excessivo para com o outro e com a relação, além da presença de comportamentos obsessivos.

Dada a importância do tema, considerando o fato da DE apresentar implicações que causam problemas não só na esfera individual, mas também afeta as pessoas que convivem com o dependente, entende-se da importância do assunto e suas implicações na vida do indivíduo e nas relações interpessoais amorosas que ele estabelece. Assim como a influência que a qualidade das relações tem na saúde mental das pessoas, considera-se que abordar os laços

afetivos e suas implicações ao longo da vida do indivíduo é uma questão que merece atenção por interferir de forma direta na condição de bem-estar e saúde, uma vez que a DE leva a pessoa a uma condição de sofrimento e processo autodestrutivo. Com isso, compreende-se a importância de se estabelecer relações saudáveis ao longo da vida e que os vínculos afetivos e sociais que se estabelece têm grande influência e importância no padrão de ser e são determinantes nas relações futuras.

Compreende-se que o tema estudado tem grande relevância para a Psicologia, levando em consideração a prática clínica, faz-se necessário um maior aprofundamento em conhecimentos relacionados à DE nos relacionamentos amorosos, sua relação com os estilos de apego e os EIDs, assim como os desdobramentos causados na vida do indivíduo. Uma vez que, comumente, a pessoa que tem DE tende a estabelecer e vivenciar relações conflituosas desde cedo e a presença do parceiro favorece um falso amparo com relação ao sofrimento. Assim, a procura por ajuda profissional geralmente ocorre apenas quando há o rompimento do relacionamento, pois é um momento de angústia e sofrimento intenso, causados pela separação e sensação de abandono. Entende-se que, considerando a prática do profissional de psicologia na clínica, não é simples o processo de compreensão do comportamento disfuncional da pessoa com DE em relação ao parceiro, devido à complexidade da temática, ainda pouco estudada, tendo-se uma escassez de dados teóricos sobre o assunto. O que também dificulta estabelecer o limite entre em que momento, quais comportamentos e características devem ter atenção referente às atitudes do indivíduo para com seu parceiro, havendo a necessidade de um processo de avaliação realizado de forma cuidadosa, levando em consideração o fato de que algumas características podem estar presentes em alguns transtornos ou se apresentar de forma independente, pois comportamentos como: baixa auto-estima, abandono de atividades anteriores e impulsividade, por exemplo, podem estar presentes na depressão e ansiedade.

Apesar de perceber uma crescente no campo da pesquisa relacionado a esta temática, os estudos ainda são escassos, com isso compreende-se que é um assunto ainda pouco explorado o que possibilita novos estudos e ampliação do conhecimento, levando em consideração que Psicologia tem muito a contribuir bem como se favorecer a respeito do tema em questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados nos permitiram constatar que a DE não está relacionada à intensidade do sentimento amoroso com relação ao parceiro (a), mas com os comportamentos disfuncionais, impulsividade, persistência em permanecer em relacionamentos instáveis geradores de sofrimento e com o fato do indivíduo buscar suprir demandas afetivas insatisfeitas através do outro no relacionamento amoroso.

A DE tem uma relação direta com os estilos de apego inseguro e com crenças disfuncionais que contribuem para o seu desenvolvimento e manutenção. O tipo de apego ansioso-ambivalente é característico do indivíduo com DE, devido à ansiedade de separação, medo do abandono e sentimento de incapacidade. Já o apego seguro é característico de pessoas que não apresentaram quadro de DE, sendo o estilo de apego seguro predominante em pessoas que vivenciaram um modelo saudável de relação durante a infância.

As relações afetivas na fase adulta estão diretamente relacionadas aos vínculos e relações significativas desenvolvidas na infância, levando em consideração se durante essa fase as necessidades emocionais do indivíduo foram suficientemente atendidas. Dessa forma, tem-se como base para relações futuras estáveis o desenvolvimento do indivíduo em um ambiente seguro e de confiança, que proporcione conforto, receptividade e um vínculo afetivo estável.

Com relação aos EIDs, o perfil cognitivo do indivíduo com DE é caracterizado pelo esquema de desconfiança/abuso, o qual também está relacionado à experiências nocivas decorrentes dos vínculos e relações estabelecidos na infância e adolescência, tendo como figura principal o cuidador ou cuidadora. Além do mais, os indivíduos com DE podem apresentar crenças centrais de desamor, desamparo e desvalor, além da possível existência da distorção cognitiva de falácia da mudança.

Tendo em vista os registros coletados e analisados na presente pesquisa, sugere-se a realização de novos estudos que ampliem a discussão da temática, bem como uma compreensão mais profunda a partir de amostras maiores e que possa contribuir no processo de identificação, prevenção e tratamento da DE, a partir da compreensão, entendimento do funcionamento e das necessidades emocionais essenciais.

REFERÊNCIAS

- AHMADI, V. et al. Prevalence of obsessive love and its association with attachment styles. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 84, p. 696-700, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813017035>. Acesso em: 01/05/2022.
- AINSWORTH, M.D.S. et al. **Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation** (2nd ed.). New York: Psychology Press, 2015.
- ALALÚ, D.L. R. **Dependência emocional según la teoría de Jorge Castelló: un estudio de caso**. 189 p. Tese (graduação) - curso de Psicologia, Universidade de Lima, Peru, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ulima.edu.pe/handle/20.500.12724/1881>. Acesso em: 24/06/2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
- BARBOSA, T. P. et al. Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 11, n. 2, p. 51-68, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7026088>. Acesso em: 09/02/2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo: Laurence Bardin**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.
- BARTHOLOMEW, K.; HOROWITZ, L. M. Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. **Journal of personality and social psychology**, v. 61, n. 2, p. 226-244, 1991. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/1991-33075-001>. Acesso em: 09/02/2022.
- BECK, A. T. **Cognitive Therapy and the Emotional Disorders**. International Universities Press. New York. [Google Scholar], 1976.
- BOWLBY, J. **Apego e perda**. (A. Cabral, Trad.). Local: Editora, 1990.
- BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares Em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006. Acesso em: 17/05/2022
- DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229017444003.pdf>. Acesso em: 17/05/2022.
- HOYOS, M. L.; ARREDONDO, N. H. L.; ECHAVARRÍA, J. A. Z.. Distorsiones cognitivas en personas con dependencia emocional. **Informes psicológicos**, v. 9, p. 55-69, 2007. Disponível em:

<https://revistas.upb.edu.co/index.php/informespsicologicos/article/view/783/608>. Acesso em: 02/11/2022.

LEMOS HOYOS, M. et al. Perfil cognitivo de la dependencia emocional en estudiantes universitarios en Medellín, Colombia. **Universitas Psychologica**, v. 11, n. 2, p. 395-404, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672012000200004. Acesso em: 02/11/2022.

LEMOS, M.; ROMÁN-CALDERÓN, J. P.. Potential therapeutic targets in people with emotional dependency. **International Journal of Psychological Research**, v. 12, n. 1, p. 18-27, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-20842019000100018. Acesso em: 11/11/2022.

MARVIN, R. S.; BRITNER, P. A. Normative development: The ontogeny of attachment. In CASSIDY, P. R. **Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications** (pp. 269–294). The Guilford Press. 2008. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2008-13837-012>. Acesso em: 16/05/2022.

MENDES, M. A. **A Clínica do Apego: Fundamentos para Psicoterapia Afetiva, Relacional e Experiencial**. Sinopsys Editora, 2021.

MOMEÑE, J. et al. Estilos de afrontamiento, esquemas disfuncionales y síntomas psicopatológicos relacionados con la dependencia emocional hacia la pareja agresora. **Behavioral Psychology/Psicología Conductual**, v. 29, n. 1, p. 29-50, 2021. Disponível em: https://www.behavioralpsycho.com/wp-content/uploads/2021/04/02.Momene_29-1Es.pdf. Acesso em: 02/11/2022.

MÓNACO, E.; DE LA BARRERA, U.; MONTOYA-CASTILLA, I.. ¿ Son las competencias emocionales mediadoras entre el apego y la satisfacción con la relación de pareja en la juventud?. **Psicol. conduct**, v. 30, n. 2, p. 427-445, 2022. Disponível em: https://www.behavioralpsycho.com/wp-content/uploads/2022/09/06.Monaco_30-2Es.pdf. Acesso em: 08/11/2022.

MORAL, M. V. J.; SIRVENT, C. R. Dependencias sentimentales o afectivas: etiología, clasificación y evaluación. **Revista Española de Drogodependencias**, Vol. 33, no. 2, p. 150-167, 2008. Disponível em: <https://roderic.uv.es/handle/10550/22382>. Acesso em: 21/05/2022.

PAIM, K.; CARDOSO, B. L. A. **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.

PAIM, K.; MADALENA, M.; FALCKE, D. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005. Acesso em: 21/05/2022

PATSI, L. V. H.; REQUENA, S. G. Relación entre los esquemas desadaptativos con la dependencia emocional en mujeres en situación de violencia de pareja. **Revista de Investigacion Psicologica**, n. 23, p. 9-34, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.org.bo/scielo.php?pid=S2223-30322020000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 01/11/2022.

RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 25-33, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/bJfD5DCX8sNR96BMxb7dBVJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21/05/2022

RAMOS, G. M. Teorías implícitas sobre el amor y factores asociados. Un estudio con pacientes con dependencia afectiva patológica y población general residente en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. **Revista psicodebate: psicología, cultura y sociedad.**, v. 16, n. 2, p. 9-34, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2451-66002016000200001. Acesso em: 02/11/2022.

ROCHA NARVÁEZ, Brenda Liz et al. Estilos de apego parental y dependencia emocional en las relaciones románticas de una muestra de jóvenes universitarios en Colombia. **Diversitas: perspectivas en psicología**, v. 15, n. 2, p. 285-299, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-99982019000200009. Acesso em: 10/11/2022.

SOPHIA, E. C. **Amor patológico**: aspectos clínicos e de personalidade. Orientador: Profa. Dra. Monica Levit Zilberman. 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Departamento de Psiquiatria, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-11022009-162136/publico/Eglacycsofia.pdf>. Acesso em: 14/11/2021.

SOPHIA, E. C.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 29, p. 55-62, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WCytcgqjByrLczK5PPV5Pqb/?lang=pt#>. Acesso em: 30/10/2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03/11/2022.

SQUEFI, M.; ANDRETTA, I. Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas: pais e mães. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 12, n. 2, p. 83-90, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v12n2/v12n2a04.pdf>. Acesso em: 04/05/2022.

VALLE, L. et al. Dependencia emocional y estilo de apego adulto en las relaciones de noviazgo en jóvenes españoles. **Revista Iberoamericana de Psicología y Salud**, v. 9, n. 1, p. 27-41 2018. Disponível em: <https://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/handle/10651/46794/Dependencia%20emocion?sequence=1>. Acesso em: 10/11/2022.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do esquema**:

guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Artmed Editora, 2008.